



FÉ

em meio à
tempestade

Melina Pockrandt Robaina

Certa vez, uma colega de trabalho passava por muitos problemas pessoais e eu quis usar essa oportunidade para falar de Jesus para ela. Porém, enquanto pensava em como abordar o plano da salvação usando como ponto de partida esses sofrimentos, eu parei e entrei em uma pequena crise: “eu não posso dizer que ela não vai mais sofrer essas coisas se entregar a vida dela para Jesus. Nesse mundo, teríamos aflições. Afinal, o que eu posso oferecer para ela do ponto de vista natural? Principalmente, sendo que ela sabe as crises e problemas que eu mesma passo?”.

Nesse momento, uma certeza inundou meu coração: “o seu testemunho, como cristã, não está no fato de não passar por problemas e, sim, na maneira como você passa por esses problemas”. Entendi o Espírito Santo falando comigo sobre o fato de que todos enfrentamos dificuldades nesse mundo que jaz no maligno, porém, como filha de Deus, precisava aprender a encarar continuamente essas situações com uma atitude de fé, confiança e contentamento. Esse era – e é – o meu testemunho diante do mundo!

Nessa época, eu já tinha passado por intervenções maravilhosas de Deus; situações muito difíceis que consegui superar com a ajuda Dele e com uma atitude que O glorificou. Uma restauração no meu casamento durante uma crise que quase levou ao divórcio, o milagre do nascimento da minha segunda filha que nasceu sem respirar, dificuldades financeiras, a superação do luto pela morte do meu pai... Enfim, pude olhar para trás e analisar as reações que eu tivera em diferentes ocasiões da minha vida. Percebi que, cada vez mais, estava aprendendo sobre a atitude esperada de mim em meio às lutas.

Entretanto, passei a dar uma atenção mais criteriosa a textos bíblicos que abordavam o tema *fé versus* tribulação, contentamento nas dificuldades, alegria na provação. Mais do que ler os versículos, passei a meditar sobre eles e orar para que, ao passar por esses momentos, eu pudesse ser aprovada. Senti-me, por alguns meses, como quem estuda com afinco para um teste.

Como qualquer pessoa, passo por desafios financeiros, de

relacionamento, sobrecarga na rotina, dificuldades com os filhos. E, com certeza, o aprendizado adquirido a respeito do contentamento nas tribulações sempre foi de grande utilidade. Aprendi a lidar com essas situações com mais leveza e fé. Porém, ainda me sentia como nos primeiros anos da pré-escola. Parecia que estudava a fórmula de Bhaskara e o Teorema de Pitágoras, mas, na hora do teste, só caía a tabuada do 2.

Mas, então, o dia da grande prova chegou. Em 4 de outubro de 2019, minha filha de cinco anos voltou da escola com hematomas por todo o corpo e chegou a hora de mostrar se eu estava preparada para colocar em prática tudo aquilo que estudara na teoria.



*“...por meio da fé, conquistaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam a boca de leões, extinguíram a violência do fogo, escaparam de ser mortos à espada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos na guerra, puseram em fuga exércitos estrangeiros.”
Hebreus 11:33,34*

Certa vez, ouvi uma pregação sobre fé e tribulação baseada na história de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que está relatada no capítulo 3 do livro de Daniel 3. Não sei se você conhece a história, mas, em resumo, esses três israelitas foram levados cativos quando os babilônicos conquistaram Israel. Lá na Babilônia serviam ao rei Nabucodonosor, um monarca bastante vaidoso – que fez uma estátua em sua própria honra diante da qual todos deveriam se prostrar.

Aqueles três homens se negaram a se prostrar diante da imagem devido ao compromisso que tinham com Deus e, por isso, foram condenados à morte. Os três foram lançados em uma fornalha em chamas. Porém, o rei ficou impressionado ao ver que, apesar de ter jogado três homens amarrados no fogo, ele viu quatro homens caminhando livremente e, em suas palavras, o quarto era “semelhante ao filho dos deuses”. Na pregação em questão, o pastor Luciano Subirá lembrou que, muitas vezes, Deus não nos livra *do* fogo, mas nos livra *do poder* do fogo.

Deus não impediu que esses três servos fiéis a Ele fossem lançados naquela fornalha. Ele não fez com que o rei perdoasse a ofensa ou mudasse de ideia quanto à condenação. Também não soprou um vento nem mandou uma chuva que apagasse o fogo. Ele não mudou a sentença proferida. Porém, esteve com eles dentro da fornalha e, quando eles saíram de lá, constatou-se que o fogo não teve poder sobre eles. Nem um fio de cabelo havia chamuscado e não havia cheiro de queimado naqueles homens. O que é muito impressionante, considerando que a gente não pode ficar 10 minutos perto de uma churrasqueira que ficamos com aquele aroma defumado até o próximo banho.

É curioso observar que a única coisa que o fogo foi capaz de queimar foram as cordas que amarravam aqueles homens.

E, no final de tudo isso, o nome de Deus foi glorificado pelo rei do maior império do mundo conhecido da época:

“Disse então Nabucodonosor: ‘Louvado seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que enviou o seu anjo e livrou os seus servos! Eles confiaram nele, desafiaram a ordem do rei, preferindo abrir mão de suas vidas a que prestar culto e adorar a outro deus, que não fosse o seu próprio Deus. Por isso eu decreto que todo homem de qualquer povo, nação e língua que disser alguma coisa contra o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego seja despedaçado e sua casa seja transformada em montes de entulho, pois nenhum outro deus é capaz de livrar ninguém dessa maneira”. (Daniel 3:28,29)

Para mim, essa é uma lição que quero carregar sempre comigo. Se eu tiver que passar pela fornalha, não há problema, contanto que Ele esteja comigo. Porque eu sei que a presença Dele é mais do que suficiente para me fortalecer em meio às lutas e, por fim, esse fogo – e a minha atitude em meio a ele – resultará em louvor e glória a Deus.

Mas nunca teremos certeza de como nos comportaremos em uma situação até que ele chegue. E, como comentei, ela chegou em outubro de 2019. Ana Júlia, minha filha mais nova estava com cinco anos de idade e chegou da escola no final da tarde, como um dia comum, e sentou para comer. Naquele dia, nós recebíamos dois casais de amigos para um café. Comemos, rimos e a Ana, junto com sua irmã Manuela, foi brincar com as filhas de nossos pastores que estavam em nossa casa.

Cerca de uns 40 minutos depois, quando todos já se preparavam para sair, uma das meninas percebeu que a Ana Júlia estava com um hematoma no joelho. Como qualquer criança ativa, ela costumeiramente tem hematomas nos joelhos e nas pernas, por isso, não dei tanta atenção. Mas outros pequenos hematomas foram descobertos, inclusive na parte interna da coxa.

Na hora que vi, levei um susto e perguntei se alguém a tinha machucado ou se ela tinha caído, mas a Ana confirmou que não. Estava muito feliz, bem disposta, alegre. Levei-a para o quarto e tirei toda a roupa e, então, pude constatar que ela estava com pequenos hematomas por todos o corpo. Nem que ela tivesse sido atropelada, as manchas estariam tão espalhadas.

Além das manchas roxas e esverdeadas, ela tinha petéquias (pequenas bolinhas vermelhas) no pescoço, pernas e braços. Quando notei as petéquias lembrei que ela já tinha ido para a escola com alguns sinais vermelhos no pescoço. Porém, na hora que vi, ao colocar o uniforme, achei que parecia uma pequena alergia por causa do calor. Estava muito quente naqueles dias e a Ana Júlia tem um histórico de dermatite atópica; imaginei que tivesse suado e coçado e, assim, apresentado aquela irritação.

Minha pastora, que estava comigo, também achou as petéquias muito parecidas com a de dermatite, mas achou os hematomas estranhos. Todos que estavam ali em casa, exceto eu e a Ana, iriam para um evento da igreja. Então, foram para não se atrasar. Meu marido ficou mais um pouco para decidir o que faríamos.

Confesso que evito ao máximo ir ao pronto-atendimento. Tenho uma irmã médica que já me contou algumas das barbaridades que viu em PA, situações extremamente triviais e nada urgentes que afogam o sistema e agigantam as filas, prejudicando aqueles que realmente precisam de atendimento emergencial. Então, não tinha a menor pretensão de ir ao hospital naquela hora da noite.

Porém, quanto mais olhava para o corpinho da Ana Júlia, mais inquieta eu ficava. Ainda que ela estivesse muito bem e alegre, aquelas manchas eram um pouco assustadoras. Será que eu poderia aguardar e agendar a consulta com o pediatra na semana seguinte?



“Paulo e Silas, olha que lição”

“Bendito aquele que confia no Senhor e cuja esperança é o Senhor. Porque ele é como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro e não receia quando vem o calor, porque as suas folhas permanecem verdes; e, no ano da seca, não se perturba, nem deixa de dar fruto.” Jeremias 17:7,8

Existe uma música infantil chamada “Cantando na prisão”, do grupo Minha vida é uma viagem, que fala:

*Paulo e Silas, cantando na prisão.
Paulo e Silas, olha que lição.
Nem tudo sempre vai ser bom
Mas eu posso acreditar que Deus está comigo
Todo tempo vou cantando.*

Ana Júlia gosta muito dessa música. Eu também. Acho que a principal lição desse episódio da vida de Paulo e Silas, que está relatado em Atos 16, está no contentamento que eles encontraram em uma situação tão delicada. Eles não somente estavam em uma prisão; eles tinham sido açoitados (espancados com varas) e então presos em um tronco. Enquanto estavam naquele lugar, eles oravam e cantavam hinos a Deus, “e os outros presos os escutavam” (v.25).

Deus nos chamou para sermos luz em meio às trevas e, algumas vezes, somos levados a lugares escuros para que possamos brilhar lá. Os outros presos, que entendiam a gravidade da situação em que estavam Paulo e Silas, com certeza foram muito mais impactados ao ouvir a oração e a canção desses dois homens de Deus do que eu e você que lemos a história sem nunca estarmos em uma prisão – especialmente, uma prisão daquela época.

O fim da história foi maravilhoso. Deus moveu com poder, um terremoto aconteceu, as portas da prisão foram abertas e o carcereiro ouviu falar de Jesus. Ele e toda sua família foram salvos. Isso porque dois homens estavam dispostos a estar onde Deus precisava deles para realizar a Sua obra e, uma vez lá, não deixaram que as circunstâncias fossem maiores do que sua fé e esperança.

Vejo que hospitais são lugares assim. Talvez no seu momento de maior fragilidade, Deus quer se mostrar forte em você e através de você para brilhar nas trevas de outras pessoas que ali estão. Amo o trecho de Jeremias 17 (no início desse capítulo) que compara o homem que confia no Senhor a uma árvore com raízes que chegam ao ribeirão. Porque mesmo no calor ou na seca, em momentos difíceis, ela continua frondosa e frutífera. Ela traz beleza aos que olham para ela, sombra aos que precisam de refrigério e frutos que alimentam outros.

Naquela noite, em meio à dúvida de ir ou não ao pronto-atendimento, tirei algumas fotos dos hematomas e mandei para um casal de amigos; ele, pediatra e ela, enfermeira. Perguntei se eles achavam importante ir ao hospital com urgência. Recebi um áudio do meu amigo informando que era essencial que investigasse de imediato um possível problema de coagulação.

Dei banho na Ana Júlia e fui com ela ao pronto-atendimento. Liberei meu marido para que fosse à igreja acompanhar nossa filha mais velha na conferência de que estavam participando.

Lá no hospital passamos pela triagem e entramos em uma fila com quatro crianças em nossa frente. Brincamos de forca, jogo da velha, desenhamos, esperando o tempo passar. Na sala de espera vimos uma menina que choramingava de dor no colo do pai. Uma hora ela se aproximou da Ana Júlia e se apresentou: “eu sou a Cecília. Estou com muita dor de ouvido, sabe?”. Ela visivelmente estava sofrendo muito. Até tentei ver se ela estava próxima de nós na ordem de chamada, pois queria trocar a vez e deixar ela passar na frente. Mas, infelizmente, não foi possível.

Perguntei para a Ana o que poderíamos fazer para que a Cecília se sentisse melhor. Então, fiz um *tsuru* (passarinho de origami) e a ela fez um aviãozinho. Demos para ela e isso claramente alegrou um pouquinho a espera de todos nós pelo atendimento.

É em meio às trevas que a luz precisa brilhar. É no hospital, na prisão, no velório, no meio da crise financeira, na roda das pessoas falando mal do chefe, no grupo de mães deprimidas com o comportamento dos filhos. E foi essa a minha intenção: ser luz, sim, mas principalmente mostrar para a Ana Júlia que a gente nunca deve ficar tão focado nos nossos próprios problemas a ponto de não enxergarmos os que sofrem ao nosso redor. Mesmo na nossa fraqueza podemos – e devemos – abençoar os outros. Seremos beleza, alimento e sombra mesmo em meio às estações difíceis.

Nossa vez chegou e fomos atendidas por uma médica que se mostrou muito experiente e eficiente. Ela examinou a Ana Júlia e pediu uma série de exames (urina, raio-x e sangue) para investigar a causa dos hematomas. Além disso, seria o momento de descartar um dos diagnósticos possíveis: leucemia.



Na hora da angústia

“Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia. Portanto não temeremos, ainda que a terra se mude, e ainda que os montes se transportem para o meio dos mares.

Ainda que as águas rujam e se perturbem, ainda que os montes se abalem pela sua braveza.

Há um rio cujas correntes alegrem a cidade de Deus, o santuário das moradas do Altíssimo.

Deus está no meio dela; não se abalará. Deus a ajudará, já ao romper da manhã.” Salmos 46:1-5

Ele é socorro bem presente na hora da angústia. Já li, cantei e decorei o versículo 1 do salmo 46. Mas eu demorei para entender que se Ele é socorro na hora da angústia, então existe a hora da angústia. Ser cristão é enfrentar angústias, tribulações, tempestades, mas sempre ter para onde correr e onde esperar tranquilo a salvação de Deus.

Às vezes, confundimos o fato de que Ele nos livrará como se as situações ruins nunca viessem nos afligir. Porém, vemos o contrário em Isaías 43:2-3. *“Quando você passar pelas águas, eu estarei com você; quando passar pelos rios, eles não o submergirão; quando passar pelo fogo, você não se queimará; as chamas não o atingirão. Porque eu sou o Senhor, seu Deus, o Santo de Israel, o seu Salvador.”* Ou seja, Ele não diz que você não passará pelas águas ou pelo fogo. Mas Ele garante que estará com você por todas as situações em que você se encontrar.

Isso deveria ser suficiente! E, naquele hospital, eu decidi que seria o suficiente.

A coleta do sangue já foi um pouco sofrida. Não muito porque fazia anos que a Ana Júlia não fazia exame, então não lembrava o que viria. A dor foi rápida e o choro cessou logo. Mas ela ficou bem “borocoxô”, quis deitar na maca e eu deixei que brincasse um pouco com meu celular. Enquanto brincava, eu andei alguns quilômetros, para lá e para cá, dentro daquela sala de observação, orando e cantando.

Demorou cerca de uma hora para o resultado do exame chegar e, nesse tempo, minha mente pensou em todos os cenários possíveis e imagináveis. O primeiro e meu principal motivo de oração foi “não é leucemia”. Eu clamei ao Senhor por uma resposta favorável nesse sentido, porém os minutos passaram e outra ideia passou em minha mente: se for leucemia, já é. Os exames só vão comprovar.

Então, comecei a pensar que poderia ser leucemia e Deus faria um milagre de cura que iria glorificar o nome Dele. Ou, iríamos passar por um longo e doloroso tratamento, incluindo quimioterapia e, quem sabe, até um transplante envolvendo a minha filha mais velha. E se o tratamento não desse certo? Ah, nossa mente é muito rápida e nunca uma hora foi tão longa.

Mesmo com todos esses pensamentos, a oração que saía dos meus lábios era: “não importa o que tivermos que passar, nós vamos passar com o Senhor. Você continua sendo Deus e nós vamos continuar amando você, haja o que houver”. Em seguida, comecei a cantar “Deus de aliança, Deus de promessas, Deus que não é homem pra mentir... Posso enfrentar o que for, eu sei quem luta por mim, Seus planos não podem ser frustrados”.

Em determinado momento, Ana Júlia olhou para mim – que mantinha o sorriso no rosto – e perguntou: “o que você está falando?”. E eu disse que estava orando e cantando para Jesus porque Ele era bom e estava cuidando dela no hospital. Naquela hora não faria sentido explicar o que estávamos aguardando e por que, especificamente, eu orava. Mas sei que ela vai se lembrar desse dia e, quando for mais velha, poderá compreender que é possível louvar o Senhor mesmo em meio a dúvidas e tribulações da vida.

Em meio às orações e louvores, havia mais uma certeza a qual eu me apegava: de que a Ana Júlia tinha um propósito e que Deus a planejara para grandes coisas. Desde o seu nascimento, a vida dela já era um milagre. E a sustentou desde sua chegada nesse mundo e não iria desampará-la agora.



Desde o meu nascimento...

“O Senhor mesmo cuidou de mim desde o meu nascimento. Cuidou de mim durante a minha infância. Desde que eu nasci pertencço ao Senhor. Quando eu ainda estava no ventre de minha mãe, ele já era o meu Deus.”
Salmos 22:9-10 NBV-P

Em Lamentações 3:21, o profeta Jeremias diz que quer trazer à memória aquilo que lhe dá esperança. Em meio ao caos da desolação de seu país, ele procura lembrar da fidelidade e da misericórdia de Deus, como algo em que se agarrar para não se perder no mar do desespero.

Precisamos cultivar, em nossas vidas, o hábito de anotar e manter a lembrança das intervenções de Deus. Milagres – sejam eles grandes ou pequenos – nos ajudam a nunca esquecer que Ele é o poderoso para intervir. Mas não são apenas as ações de Deus que aquecem nosso coração, mas também a certeza de seu amor cuidadoso e bondade que nunca mudam.

Olhando para a Ana Júlia naquela maca de hospital, meio cansadinha de esperar e com sono – afinal, já eram quase 22h –, lembrei de outros milagres que Deus já realizou na minha vida, inclusive na vida dela. O simples fato de ela estar ali, brincando com meu celular, já era uma prova do agir de Deus. E eu isso também me serviu como um refúgio em meio à tempestade de dúvidas daquele instante.

A gravidez da Ana foi planejada e extremamente saudável. Na minha primeira gestação, quase perdi a Manuela e, por um milagre (sim, as duas são frutos da intervenção de Deus), descobri aos 5 meses que meu útero estava abrindo antes do tempo. O problema se chama incompetência istmocervical e, normalmente, só é descoberto após o aborto espontâneo. A perda gestacional acontece nos três primeiros meses e, então, na gravidez seguinte, é feita uma cirurgia entre 12 e 18 semanas.

Com a Manuela não foi assim. O problema foi descoberto em uma ecografia de rotina com mais de 20 semanas e a cerclagem (cirurgia para fechar o cólo do útero), realizada no dia seguinte. Mantive repouso até as 33 semanas (8 meses) quando a Manuela nasceu prematura. E perfeita.

Assim, na gravidez da Ana Júlia, fizemos a cerclagem preventiva no tempo certo. Tudo correu bem. Foram 9 meses de uma gestação saudável e feliz, que se encerrou com o rompimento da bolsa. Como meu cólo do útero estava costurado, eu não poderia entrar em trabalho de parto normalmente, pois as contrações – que têm como objetivo abrir o útero – levariam a um verdadeiro cabo de guerra interno.

Cheguei à maternidade com muitas dores e alardeando a minha situação, mas ainda assim, entre grosserias de profissionais médicos e demora excessiva do hospital, demorei mais de duas horas para entrar na sala de cirurgia para realizar uma cesárea. Quando a Ana Júlia nasceu, ela parecia um pacotinho de feijão. Roxinha e imóvel foi colocada na minha perna enquanto o médico cortava o cordão umbilical.

A pediatra a trouxe muito rapidamente em frente ao meu rosto e disse “aqui está sua filha, vamos levar para a assistência”. Fiquei meio sem reação. Ela estava quieta – ao contrário da Manuela, que gritava loucamente quando nasceu. Não tiraram foto de nós três. Não deixaram que ela encostasse no meu rosto. Meu marido não pode acompanhar os procedimentos. Afinal, o que estava acontecendo?

Nesse vai e vem de contrações sem que o cólo do útero pudesse abrir, Ana Júlia entrou em sofrimento durante o parto e nasceu sem respirar. Ela não tinha movimentos, cor, reflexo ou respiração; apenas um batimento cardíaco fraco. Ela demorou 15 minutos para respirar sozinha e 20 minutos para estabilizar completamente. O prognóstico era que ela precisaria ser acompanhada por um neuropediatra até os dois anos de idade porque, muito provavelmente, teria sequelas pelo tempo sem oxigênio.

Que susto! Mas que oportunidade incrível para o milagre de Deus. Ela teve alta do neuropediatra aos 3 meses de idade porque não apresentou nenhuma sequela. E sempre foi uma criança com a inteligência acima da média.

Eu sei que, como mãe, sou suspeita para falar. Mas os professores e outros profissionais concordam que ela tem habilidades fora do comum. Aos três anos, por exemplo, já sabia ler e escrever – e não só seu nome. Um profeta disse uma vez: “Deus fez sua filha com uma mente rápida porque Ele quer fazer coisas rapidamente na vida dela”.

E era nessa e em outras palavras proféticas que eu pensava enquanto olhava a Ana Júlia deitada naquela maca, aguardando o resultado daquele exame que parecia não chegar.



O perigo que a gente não conhece

“Ele não deixará que você tropece; aquele que o protege não cochilará. Aquele que guarda Israel não cochila nem dorme.”
Salmo 121:3-4

Acho lindo pensar que Deus nos protege mesmo quando não temos nem ideia do perigo. O salmo 121:4 diz que o Guarda de Israel não dorme, nem cochila. Ele não perde nada, mesmo que nós não estejamos atentos.

Eu tenho certeza de que, todos os dias, Ele me livra de problemas, acidentes e males dos quais não faço nem ideia. Mas alguns outros chegam a nosso conhecimento. E podemos glorificar ao Senhor por eles. Como comentei, as minhas duas filhas são resultado do cuidado Dele sobre situações de perigo das quais eu não fazia nem ideia. Não imaginava que estava prestes a perder a Manuela na minha primeira gravidez e nem me ocorreu que a Ana Júlia pudesse sofrer durante o parto a ponto de nascer praticamente morta.

Mas o Senhor não é pego de surpresa. Ele está sempre atento e pronto a se mostrar forte para aqueles cujo coração é totalmente Dele (II Cr 16:9). E mais uma vez eu teria essa certeza disso naquele hospital.

Depois de cerca de uma hora, a médica que nos atendera chegou com os resultados do exame. A leucemia, a princípio, foi descartada, mas as plaquetas da Ana Júlia estavam com um valor muito pequeno e ela não poderia sair do hospital. Fariam um acesso no braço para medicação intravenosa e ela ficaria internada para novos exames.

As plaquetas precisam estar entre 140.000 e 440.000/mm³ no nosso organismo. As dela estavam 1.240/mm³. Isso significa – e eu confirmei com a médica – que se ela tivesse tido qualquer acidente “bobo” na escola aquele dia, como cair da cadeira ou bater a cabeça no parquinho, ela poderia ter tido uma hemorragia fatal.

Fiquei sabendo mais tarde que, naquele dia, por uma bobeira de criança, Ana Júlia não quis ficar brincando com as meninas de pega-pega. E se sentou no canto no parquinho. Logo, as amigas sentaram-se juntas e ficaram brincando “sem riscos” durante o recreio. Pois é, Ele não dorme nem cochila.

Outro indício claro do cuidado de Deus aconteceu na véspera. Ela passou a noite na casa da avó enquanto eu, meu marido e a Manuela participávamos de uma conferência da igreja. Na casa da vovó querida, elas brincam de monstro das cócegas até que não aguentam mais. Minha mãe me contou que, naquele dia em questão, elas brincaram mais do que nunca e, ao contrário do que sempre acontece, todo tempo ela segurava para que a Ana Júlia não caísse da cama. Normalmente, ela cai, rola no chão e fica tudo bem.

Analisando depois, acreditamos que os hematomas espalhados pelo corpo tenham surgido por conta das cócegas – que normalmente são inofensivas e obviamente não machucam. E ficamos profundamente gratos por isso. Pois se não fossem eles, talvez não tivéssemos ido ao médico com tanta urgência. Como comentei acima, teríamos, possivelmente, considerado as petéquias uma simples dermatite e um ou outro hematoma eventual, “coisa de criança”.

Todos esses fatos só foram analisados nos dias que seguiram. Naquela noite, o que sabíamos é que as plaquetas estavam baixas, ela precisava ser internada e aguardaríamos o resultado de novos exames. Enquanto estava quase dormindo, já com o acesso venoso no braço e se recuperando do susto de duas picadas nos braços, a Ana Júlia me olhou e perguntou “será que a Cecília melhorou? Você pode perguntar para a enfermeira?”.

Que coração da minha pequena que, mesmo passando por esse momento tão difícil, estava pensando na menina que chorava na sala de espera.



“Não sou como Abraão”

“Pela fé, Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque. Aquele que acolheu as promessas de Deus estava a ponto de sacrificar o seu único filho, do qual havia sido dito: ‘A sua descendência virá por meio de Isaque.’ Abraão considerou que Deus era poderoso até para ressuscitar Isaque dentre os mortos, de onde também figuradamente o recebeu de volta.”
Hebreus 11:17-19

Tenho aprendido que fé não é sentimento, é certeza. Já ouviu falar sobre o fato do amor não ser uma emoção e, sim, uma decisão? Você não vai se sentir apaixonado pelo seu cônjuge todos os dias, mas deve amá-lo e, assim, mostrar frutos que demonstram esse amor através do tratamento adequado. É por não entender isso que muitos abandonam seu casamento; há uma ideia errada de que o amor sustenta o compromisso, quando na verdade é o contrário.

Da mesma maneira como precisei aprender sobre o amor, também precisei aprender sobre a fé. A verdade é que achava que a fé estava completamente ligada a um sentimento de positividade e “tudo vai dar certo” que afastava qualquer tipo de medo ou dúvida. Precisei aprender que a fé é uma certeza racional que nasce e se fortalece no espírito, mas que nem sempre estará sendo “sentida”.

Tem dias que parece que recebemos uma descarga de confiança sobrenatural, pela qual temos vontade de sair pelas ruas impondo as mãos sobre todo mundo para ser curado e liberto. Porém, em outros momentos, parecemos arqueólogos escavando cada texto bíblico em busca de um pouquinho de certeza de que Deus está no comando. Nesses dias, aparentemente maus, eu me sentia completamente incrédula e sem fé. E pensava “Deus, me perdoa. Porque sem fé é impossível te agradecer”.

Mas um dia ouvi uma pregação do pastor Farley Labatut, chamada “A fé que eu não conhecia”, em que ele mostra como mesmo os chamados heróis da fé, em Hebreus 11, nem sempre estavam com um sorriso no rosto dizendo “vai dar tudo certo”. Eles são referência de fé para nós, não porque sempre estavam se sentindo confiantes e certos da Palavra e promessa de Deus. Eles são um exemplo a seguirmos porque eles sempre agiram com base naquilo que eles sabiam e não pelo que sentiam.

Aprendi que a fé nem sempre vai ser aparente nas minhas emoções. Ela deve guiar os meus sentimentos, mas ainda que a alma esteja relutante, a fé deve ser aquela que irá determinar as minhas atitudes e os próximos passos a seguir.

Depois de todos os resultados dos exames, avisei meu marido que ficaríamos no hospital. Até então, ele estava no evento que acontecia em nossa igreja acompanhando a nossa filha mais velha. Quando ele chegou ao hospital naquela noite, já estava com tudo certo para me mandar para casa. Eu deveria dormir porque, no dia seguinte cedo, eu tinha um voo marcado. Iria dar uma palestra em uma conferência que aconteceria em Vinhedo, interior de São Paulo. Meu voo saía pela manhã e eu voltaria para Curitiba no final da tarde.

Porém, eu não estava com cabeça para ir embora daquele hospital. Muito menos de sair da minha cidade com a minha filha internada sem ainda saber o diagnóstico. Ficamos alguns minutos ali na sala de observação discutindo sobre o que faríamos e eu já estava 90% decidida a não viajar. Disse para meu marido que, primeiro, iria aguardar o internamento no quarto e, então, decidiríamos o que fazer.

Duas coisas me incomodavam mais: não ter o diagnóstico e a sensação de que eu estaria sendo irresponsável em ir. E se acontece alguma coisa com a minha filha enquanto eu estou a mais de 400km de distância? Se ela morre? Sim, essas coisas passam pela nossa cabeça.

Enquanto ainda estávamos só nós duas na sala de observação, perguntei para a Ana Júlia se eu poderia ir à Conferência no dia seguinte e ela disse que não queria que eu fosse. Quando meu marido chegou, ele garantiu que ficaria no hospital e cuidaria muito bem dela e que a mamãe voltaria logo. E, então, a pequena falou que eu poderia ir ensinar para as mães que estariam no evento tudo o que eu estava ensinando para ela e a Manuela. Mesmo com o seu aval, ainda me sentia dividida.

Uma coisa era certa, meu marido insistiu para dormir com ela na primeira noite no hospital. Então, eu fui para casa pegar algumas coisas para os dois. Enquanto eu caminhava até o carro, na rua, orava em pensamento: “Senhor, eu quero ir amanhã na Conferência. Eu me preparei, orei e jejeuei para isso. Mas eu não consigo sem um diagnóstico. Eu precisava, pelo menos, que a médica passasse para dar um parecer, explicar o que está acontecendo e quais serão os próximos passos. Eu sei que o Senhor tem coisas para fazer lá amanhã naquele evento, mas o Senhor é Pai e me entende, não me pediria para sacrificar a minha filha...”.

Obviamente, eu não consegui nem terminar a minha oração. Imediatamente, pensei em Abraão e em tudo o que Deus pedira para ele. Nesse momento, eu já tinha entrado no carro e disse em voz alta, já com lágrimas nos olhos: “eu não sou como Abraão”. E, no mesmo instante, a resposta veio em meu coração: “mas Eu quero que você seja”.

Fui dirigindo para casa com lágrimas rolando em meu rosto e pedindo a Sua ajuda para ser como Abraão. Que fé é essa? Como embarcar num avião sem sequer saber o que a minha filha tinha ou que tipo de tratamento faria?

Voltei para o hospital e meu marido insistiu para eu ir. “Eu dou conta e te mantenho informada. Vai ficar tudo bem!” Decidi que iria seguir a direção dele, mas até pegar no sono em casa, por volta das 3h30 da madrugada, eu ainda orava: “Senhor, faz com que a médica dê notícias que me acalmem antes de eu viajar amanhã. Ou faz com que alguém me diga que é para eu fazer isso mesmo”.

O Espírito Santo já tinha me falado. Meu marido já havia me orientado. Mas eu ainda queria, como orei brincando, a confirmação de um “profeta das nações”.



“Aguardo o Senhor, a minha alma O aguarda; eu espero na Sua palavra.” Salmo 130:5

Eu acredito que teria sido muito mais fácil para Abraão se um anjo do Senhor ou Melquisedeque aparecesse para ele e dissesse: “Deus manda você sacrificar o seu filho”. Mas a Bíblia diz que o Senhor falou diretamente com Abraão.

Existem inúmeros relatos de aparições de anjos ou profetas que vinham comunicar a mensagem de Deus aos homens; e também quando o Senhor foi ouvido em voz audível. Mas em Gênesis 22 nenhuma dessas formas de comunicação entre Deus e Abraão aparece. Ou seja, podemos concluir que esse homem teve que seguir a direção que entendeu ter recebido do alto sem nenhuma intervenção de terceiros.

Com certeza, Abraão gostaria de receber a mensagem de um profeta das nações confirmando o que era para ele fazer. Ou mesmo um spoiler divino fazendo-o ver o fim da história lá no monte.

Mas a Bíblia não diz que nada disso aconteceu. Pelo contrário, Abraão seguiu com o plano de sacrificar seu filho porque sabia que Deus era poderoso para cumprir a sua promessa, mesmo que, para isso, precisasse ressuscitar Isaque dentre os mortos. Por fé, decidiu obedecer porque esperava na Palavra que tinha recebido de Deus.

Quando esperamos pelo Senhor e parece que não temos resposta, devemos nos mover baseados na última palavra e revelação que recebemos Dele. Mesmo que meu coração estivesse dividido entre ficar e ir para a conferência, minha mente pensava: “eu jejei, orei, montei a palestra entendendo o que Deus queria falar para as mulheres que estarão lá. Não faz sentido que Ele não queira que eu vá. Há um propósito. Eu preciso me mover pelo que eu já sei”.

Mas não é fácil. Imagino que não foi fácil subir naquele monte segurando a faca e o fogo, enquanto seu filho carregava a lenha sobre o qual seria amarrado algum tempo depois. Porém, Abraão

caminhava sobre a promessa. E foi apenas depois de ter deitado Isaque sobre o altar e ter pegado a faca para sacrificá-lo, que o Anjo do Senhor o chamou do céu e interveio naquela situação.

Acordei bem cedo na manhã seguinte porque queria passar no hospital antes de ir para a conferência, porém descobri que o horário de visita era apenas mais tarde. Então, não poderia ver a Ana Júlia antes de viajar.

Minha mãe me levou ao aeroporto e fui até lá conversando com o meu marido por mensagem. Tudo o que eu queria eram notícias atualizadas da médica, mas ninguém tinha passado visita ainda. Ana Júlia estava tomando corticoide na veia e, aparentemente, estava lidando bem com a internação. Adorou a ideia de tomar café da manhã na cama.

Cheguei ao aeroporto pouco tempo antes do embarque iniciar. Enquanto aguardava, uma amiga me mandou mensagem para saber se tínhamos novidades sobre o quadro da Ana Júlia. Ela era diaconisa e, na noite anterior, pedira oração no grupo em que estão os diáconos e pastores da minha igreja.

Disse que a médica ainda não tinha passado e que eu estava indo para São Paulo. Coloquei algumas carinhas tristes na mensagem e fiquei pensando que ela acharia uma tremenda irresponsabilidade viajar com a minha filha internada. Mande o texto para ela e fui para a fila do embarque. Naquele momento, eu sentia que era definitivo, eu não voltaria mais atrás. Estava amarrando Isaque e colocando sobre o altar. E foi então que o Anjo do Senhor interveio em meu favor.

Na fila, enquanto embarcavam os passageiros prioritários – eu seria o próximo grupo a embarcar –, minha amiga me respondeu a mensagem dizendo que seria bênção, encorajando o meu coração, lembrando que quando eu sou fraca é que Ele é forte e afirmando que se o Senhor não guardar a casa, em vão vigiam os sentinelas.

Eu terminava de ouvir a mensagem, com lágrimas nos olhos, e fui chamada para embarcar. Enquanto dava os documentos para a funcionária da companhia aérea, recebi a mensagem do meu marido com o parecer da médica – aquele que eu tanto estava esperando para conseguir viajar em paz!

A hematologista explicou que tudo indicava que a Ana Júlia estava com púrpura trombocitopênica idiopática (PTI), uma doença autoimune que leva à queda do número de plaquetas e que não tem causa definida. Em adultos, torna-se um problema crônico. Em crianças, na maioria dos casos some após o tratamento – tem paciente que sequer precisa de medicação.

Como os exames da Ana Júlia mostraram uma alteração muito significativa, ela precisaria ser medicada com corticoides, para que o organismo dela parasse de

destruir a próprias plaquetas. A leucemia não estava completamente descartada, mas as chances eram pequenas. Ainda não havia previsão de alta e teríamos que acompanhar a resposta do organismo dela para avaliar se o tratamento estava fazendo efeito.

E, com essa resposta, sentei no avião e fui para a conferência.

Preparação para a prova

“Falei essas coisas para que em mim vocês tenham paz. No mundo, vocês passam por aflições; mas tenham coragem: eu venci o mundo.”
João 16:33

Após a última ceia, Jesus teve uma longa conversa com seus discípulos, relatadas em João, nos capítulos de 14 a 16. Nesse momento, Ele tem a intenção de preparar os discípulos para aquilo que estava para acontecer: a sua morte, a ausência Daquele que os ensinou pessoalmente por três anos e a perseguição que sofreriam por causa de sua fé. Ele termina o discurso explicando que falou sobre o que eles sofreriam para que, Nele, mesmo em meio a essas circunstâncias, encontrassem paz.

Claro que, nesses capítulos, há ainda maravilhosas promessas de Jesus: Ele garantiu que estaria conosco, que seríamos amados do Pai e que nos enviaria o Consolador, o Espírito Santo que nos guiaria por toda a verdade. O Mestre alertava sobre o que estaria por vir, mas garantindo que haveria a provisão da presença divina para suportar essas aflições. “Deixo com vocês a paz, a minha paz lhes dou; não lhes dou a paz como o mundo a dá. Que o coração de vocês não fique angustiado nem com medo” (João 14:27).

Para mim, Deus está sempre nos preparando para aquilo que iremos enfrentar. Não apenas as provações, mas todas as situações. Muitas e muitas vezes já aconteceu de eu ler um texto bíblico que me saltou aos olhos e “falou” comigo e, algumas horas mais tarde, ele ser exatamente o que eu precisava para aconselhar alguém passando por dificuldades.

Como comentei na introdução, já fazia algum tempo que estava meditando sobre o tema “contentamento em meio às tribulações”. Alguns meses talvez. Textos bíblicos, músicas, livros, todas as mensagens convergiam para uma mesma certeza: Deus continua sendo Deus em toda e qualquer situação, Ele continua sendo bom e minha alegria não depende de circunstância, mas da comunhão com Ele.

Nos meses que antecederam a internação da Ana Júlia, o aprendizado foi intensificado. Sofremos um processo judicial de

um familiar que nos abalou financeiramente, além de emocionalmente. Mas a nossa certeza era que tínhamos por motivo de toda alegria o fato de passarmos por várias provações, pois sabemos que a provação da nossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. A perseverança, quando tem ação completa, nos torna perfeitos, íntegros e em nada deficientes, conforme Tiago 1:2-4.

Fizemos uma viagem internacional com fins ministeriais que já estava marcada mesmo em meio a esse baque nas finanças. Lá, participei de uma conferência e tive o privilégio de ouvir a palestra de Katherine Wolf. Ela sofreu um acidente vascular cerebral quando tinha apenas 26 anos. Teve complicações seríssimas e até hoje tem sequelas significativas, como usar cadeira de rodas e ter parte do rosto paralisado (essas são as que podemos ver).

Na palestra, ela contava sua história e de sua família, mas principalmente como se relacionou com o Senhor em meio às lutas. E, para mim, o resumo da mensagem foi: há bondade de Deus mesmo em meio às dificuldades. O seu caráter bondoso não exclui as adversidades de nossa vida e as dificuldades da vida não anulam o seu caráter bondoso. Eu fiquei muito emocionada ouvindo a Katherine e, nem imaginaria que, pouco mais de um mês depois estaria postando nas minhas redes sociais sobre os indícios da bondade de Deus mesmo em um quarto de hospital.

Mas o “super intensivo” não parou aí – lembra na época de vestibular em que os professores cobravam mais estudo à medida que a prova se aproximava? Aos poucos, Deus ia reforçando o conteúdo.

Cerca de quinze dias antes do internamento, tivemos na igreja uma programação e o louvor foi conduzido por Miguel Arcanjo e, entre as músicas, estavam *Deus de promessas* (com o verso clássico “posso enfrentar o que for, eu sei quem luta por mim”) e Perto quero estar, com seu refrão “te louvarei, não importam as circunstâncias, adorarei somente a ti, Jesus”.

Logo depois, no domingo anterior à situação, estávamos no culto e, durante o louvor, tocou aquela música *Tudo sobre você*, da banda Morada. E, na canção dizia:

*Então me tira o medo
Que me faz dizer “Moisés suba em meu lugar”
Me faz entender
Que a tempestade é Você
Chuva forte é Você
Vento forte é Você
E o que me faz tremer as pernas
A porta aberta é Você
Mas a fechada é Você
É tudo sobre Você*

A letra fala sobre a chegada do povo de Israel no monte, quando o medo das manifestações visíveis da presença de Deus os leva a dizerem que Moisés deveria subir sozinho. Porém, naquele dia, o Espírito Santo ministrou algo no meu coração: que muitas vezes, as intervenções divinas são “assustadoras”. Pode imaginar o vento que soprou para abrir o Mar Vermelho? Deve ter sido de tremer!

Naquele dia, cantei esse refrão declarando que não importam as tempestades, chuvas fortes ou ventos que a vida pode trazer. Se essas situações me levam para mais perto Dele, se fazem parte da intervenção Dele na minha vida, então eu aceito qualquer uma delas de bom grado e sem medo. Ainda não sabia o que viria, mas eu estava sendo preparada e já tinha decidido qual seria a minha atitude em qualquer circunstância!



Quando sou fraco é que sou forte

*“A minha graça é o que basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza”
II Coríntios 12:9*

Cheguei à conferência no intervalo do almoço e fui para a sala das palestrantes. Lá, encontrei duas representantes do Mops – ministério internacional de mães cristãs – e, enquanto conversávamos, acabei contando sobre a Ana Júlia. Ninguém da organização do evento imaginava que eu quase cancelara a minha ida na véspera.

Para a minha apresentação, utilizei como base o tema do evento, que era “mães mais intencionais e alegres”. Abordei vários tópicos e o último deles foi viver a vida cristã com plenitude de alegria. Se a Bíblia diz que é isso que encontramos na presença de Deus (Sl 16:11), não faz sentido que sejamos pessoas sempre cabisbaixas, carrancudas ou desanimadas.

E isso, essa vida alegre em nós que transborda da fé que temos em Cristo, é que vai atrair nossos filhos para desejarem um relacionamento com esse mesmo Deus. O foco da minha palestra era sobre como investir na educação espiritual das crianças e não poderia deixar de falar sobre o exemplo – que é o mais importante.

Assim, enquanto encerrava a apresentação, falei sobre o que havia acontecido na véspera e que, mesmo em meio à incerteza do diagnóstico, eu dizia que eu louvava ao Senhor. Se fosse uma leucemia, nós passaríamos por esse tratamento sabendo que Ele é Deus soberano sobre todas as coisas.

Claro que as lágrimas correram, no meu rosto e de várias mulheres que ali estavam. Meu objetivo não era fazê-las chorar, mas falar sobre aquilo que eu vinha aprendendo na teoria há algum tempo e que, então, começara a colocar em prática: o contentamento em todas as circunstâncias.

Fiquei sabendo, no dia seguinte por uma mensagem no Instagram, que uma participante do evento tem um filho que está em tratamento para leucemia. Quem sabe ela estivesse precisando ouvir apenas isso? Não sei, mas tenho certeza de que o meu Deus não faz nada por acaso.



Mudando o deserto

*“Bem-aventurado é aquele cuja força está em ti, em cujo coração se encontram os caminhos aplanados! Quando passa pelo vale árido, faz dele um manancial; de bênçãos o cobre a primeira chuva. Vão indo de força em força; cada um deles aparece diante de Deus em Sião”
Salmo 84:57*

Eu amo esse versículo porque ele fala sobre protagonismo. Sobre a atitude de passar pelo deserto e, em vez de morrer lá, torná-lo um local de fontes. Todos nós estamos sujeitos a lutas, dores, tribulações, mas cabe a nós a decisão de como passar por eles. Iremos lamentar e chorar ou vamos usar essas situações para glorificar a Deus.

Saí da conferência em São Paulo e já estava tudo combinado com a minha mãe. Ela me pegaria no aeroporto para que eu pudesse dar uma passada no hospital e ver a Ana. Porém, meu voo atrasou mais de uma hora e cheguei em Curitiba após o horário de visita. Tudo bem!

No dia seguinte fui cedo para o hospital. Além de ver a Ana e passar o dia com ela, seria eu quem dormiria lá. Peguei alguns brinquedos, papéis, canetinhas, lápis de cor e coloquei em uma mochila.

Cheguei lá e ela estava bem. Animada me contou como funcionava a bomba de infusão de soro, como tinha que fazer para ir ao banheiro, o que tinha comido... Enfim, era uma criança feliz em uma cama de hospital.

Logo saquei meus materiais da mochila e escrevi “É Ele quem cura todas as nossas enfermidades” (Salmo 103:3) e coleí na parede sobre a cama. No dia seguintes, levamos uma caixa de mini brinquedos que as meninas têm e espalhamos pelo quarto todo. Fizemos desenhos e decidimos deixar aquele hospital com mais vida!

Em um bloco de post-it, Ana Júlia escreveu bilhetes *Jesus cura vcs* e colou nas portas dos quartos daquele andar. Todos, enfermeiras, pessoal da limpeza e os que vinham trazer a comida, já conheciam “a moça dos bilhetinhos”.

Compartilhei um pouco sobre a situação da Ana em meu Instagram (@maternidadesimples) e recebi inúmeras mensagens de apoio, mas também de pessoas que tiveram renovadas sua fé por conta da nossa atitude diante da experiência que estávamos tendo. Entre elas, recebi duas mensagens de leitoras cujos filhos estavam internados no mesmo hospital e receberam os bilhetinhos distribuídos por nós.

Pedi para as enfermeiras para que eu pudesse levá-la passear pelos corredores e passava o dia brincando de várias coisas diferentes. Fazíamos de tudo para tornar os dias mais leves, porém, os remédios estavam sendo cruéis com a Ana. A cada dia eu via minha filha perder sua energia e sua vitalidade. Ela só queria ficar deitada, poucas coisas a alegavam e por um breve período de tempo.

Eu sentava para brincar e conseguíamos nos divertir, mas logo ela começava a ficar de mau humor e a brigar por pequenas coisas. Na verdade, era o sono e o cansaço extremo batendo forte. Ela não dava conta de lidar com essa bagunça fisiológica e a resposta era nas atitudes.

Não consigo lembrar de alguma visita que ela tenha recebido bem. Mesmo a vovó ou os amigos que traziam presentes (ela ganhou muitas coisas), a Ana não queria cumprimentar, não sorria e sequer deixava que orassem por ela.

Havia coisas que eu relevava. Outras que eu repreendia. Mas meu coração sofria em vê-la daquele jeito. Nos dias em que eu estava no hospital, nossa rotina sempre incluía ler a Bíblia – ela estava na fase de escolher um versículo de Provérbios para ler –, brincadeiras e, nos muitos momentos em que ela dormia, eu escrevia mais versículos para colar na parede, orava, lia a Palavra de Deus, enfim, “me fortalecia no Senhor”.

Eu sabia que os remédios eram fortes e que os efeitos colaterais também, mas meu Deus é mais forte do que tudo isso! Essa era minha maior certeza.



Força no dia mau

“Por isso, peguem toda armadura de Deus, para que vocês possam resistir no dia mau e, depois de terem vencido tudo, permanecer inabaláveis.”
Ef 6:13

Uma das coisas que já vinha estudando há algum tempo sobre tribulações era o fato de que é nelas que conhecemos mais a Deus. Nós lemos – e falamos – que ele é “socorro bem presente na hora da angústia”, então, existe a hora da angústia para que Ele venha com socorro.

Efésios fala sobre a importância do nosso posicionamento no dia mau. Um posicionamento que nos faz resistir, vencer e, então, permanecer inabaláveis. Ou seja, existe um dia mau que chega na vida de todos. E, pasme, Deus também é Senhor do dia mau. Jó questionou a sua esposa: “Temos recebido de Deus o bem; por que não receberíamos também o mal?”.

Nem sempre entenderemos as razões das tempestades pelas quais passamos, mas todos podemos fazer uma escolha. A decisão que meu coração toma todos os dias é que eu desejo ser luz e canal de Deus onde eu estiver: na alegria de uma viagem de férias ou na dor de um leito de hospital. Se estou em uma situação trágica, como Deus pode me usar para realizar a vontade Dele nesse lugar? Essa era uma das minhas orações durante o internamento da Ana Júlia.

O tratamento para a PTI é o mesmo de várias outras doenças autoimunes: com corticoides. Mas existe uma parcela de crianças que melhora sem precisar de medicamento algum; esse, porém, não foi o caso da Ana Júlia. E em nenhum momento eu perguntei a Deus “por que o caso da Ana não foi mais simples?” ou “por que essa doença a alcançou?”.

Para passarmos melhor pelas crises e desertos da vida, precisamos ter a compreensão clara de que os dias maus vêm para todos. Quando entendemos que o mundo jaz no maligno e que, nele, passaremos por aflições, paramos de questionar por que determinadas coisas acontecem conosco. Sabemos que elas acontecem porque vivemos em um mundo corrupto e decaído!

O Senhor ainda não restaurou todas as coisas. Um dia estaremos num lugar onde Ele enxugará dos olhos todas as lágrimas. Mas, até lá, choraremos!

Esse entendimento muda tudo! Não conseguimos encontrar forças no Senhor ou contentamento nas tribulações, se tentamos buscar uma “culpa” ou responsabilidade de Deus sobre as situações.

Como o caso da Ana não foi o mais simples, ela começou com os corticoides já no primeiro dia de internação. As plaquetas dela estavam muito baixas, havia um risco muito alto, portanto não era prudente deixá-la sem tratamento e aguardar por uma resposta do organismo.

No primeiro exame de sangue, as plaquetas estavam em $1.240/m^3$. No sábado, em que eu estava na conferência, elas subiram para 2.600, para nossa alegria. No domingo, passaram das 5.600 e estávamos vibrando. Afinal, o número estava dobrando a cada dia e já tínhamos lido que, com uma quantidade mínima, ela poderia ter alta (mas a médica não nos tinha dado nenhum tipo de previsão em relação a isso).

Nesse domingo, o terceiro dia de hospital, após liberar o meu marido para ir para casa pela manhã (ele já estava por mais de 36 horas no hospital), recebi a visita da médica que falou que trocaria o medicamento intravenoso pela administração via oral, já que a Ana não tivera nenhum sangramento espontâneo, como pela boca, nariz ou urina.

Porém algumas horas depois, ao levar a Ana no banheiro, achei que o xixi dela estava meio marrom. Algum tempo depois, mais escuro e avermelhado. Avisei a enfermeira, já que isso afetaria diretamente a decisão da médica de mudar o tipo de tratamento. Foi solicitado um exame de urina e, quando fiz a coleta, parecia um copo de suco de melancia. E as perspectivas que estavam tão boas enfrentaram um obstáculo no caminho.

Meu marido passou mais tarde no hospital para levar algumas coisas e ver a Ana. Nessa hora, a hematologista veio nos dar um novo parecer da situação. Além de não poder trocar a administração do medicamento (de venoso para oral), seria necessário realizar a chamada pulsoterapia - que é o aumento significativo nas doses de corticoides.

Se até então o remédio era calculado em $1mg/kg$, o novo tratamento seria com $30mg/kg$. Isso trazendo todos os efeitos colaterais relacionados a esse tipo de medicamento. Abatimento, dores musculares e articulares, inchaço, aumento de apetite, enfim, várias alterações que, definitivamente, não queríamos para a Ana Júlia.

Essa notícia abalou um pouco a minha confiança. Nessa hora, chegamos a questionar a médica: “- Mas as plaquetas estão dobrando a cada dia, a cada novo exame. Isso não é bom?”

E, como um balde de água fria, ela nos disse que 5.000 plaquetas era um número insignificante e que esse aumento não era considerado importante. Para ser um bom resultado, o número precisava “chegar a 13.000, 15.000”, nas palavras dela.

O que, na verdade, ela ainda não sabia, era que aquele pequeno número era como a nuvem do tamanho da mão de um homem. Esse era o sinal de que a chuva iria descer.



“Abraão, esperando contra a esperança, creu, para vir a ser pai de muitas nações, segundo lhe havia sido dito: ‘Assim será a sua descendência.’ E, sem enfraquecer na fé, levou em conta o seu próprio corpo já amortecido, tendo ele quase cem anos, e a esterilidade do ventre de Sara. Não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que Deus era poderoso para cumprir o que havia prometido.”

Romanos 4:18-21

Uma das coisas que aprendi sobre esse texto é que Abraão não fechou os olhos para suas limitações. Ele não ficava pensando “não tem problema. Está tudo bem. Eu e minha esposa somos plenamente capazes de gerar filhos”. Ele levou em conta o seu próprio corpo já amortecido e a esterilidade do ventre de Sara. Mas, mesmo assim, não duvidou porque sabia que Deus era poderoso para cumprir o que havia prometido. O poder não estava neles, mas em quem fizera a promessa.

O problema não está em olhar para as circunstâncias, mas em lembrar quem é maior do que elas e, então, alimentar nossa fé. A fé não se baseia na nossa capacidade em confiar em Deus, mas no poder Dele de intervir e mudar as situações. Sendo assim, ela não é determinada pelos nossos sentimentos; pelo contrário, ela os dirige.

A pulsoterapia e a informação da médica de que os resultados dos exames não eram tudo aquilo que imaginávamos foram, sem dúvida, um abalo à nossa alegria. Porém, a nossa fé continuava Nele.

Poucos minutos após a médica sair do quarto, um amigo querido passou no hospital para ver a Ana e orar conosco. Ele tinha mandado mensagem cedo, avisando que iria, mas só foi à noite, exatamente após recebermos aquela notícia. Deus sabia que precisávamos de conforto. De ajuda. E ele mandou, providencialmente, alguém para orar por nós!

Naquele dia, senti-me um pouco perdida. Minha impressão era um pouco de derrota: não de Deus, como se Ele não tivesse dado conta de algo; mas da minha fé, “será que não cri ou não orei o suficiente?”

A grande verdade é que, por mais que eu orasse e mantivesse a minha fé alimentada, os meus momentos de oração eram sempre voltados a agradecer a Deus pela certeza da obra que Ele faria.

Era como se eu me concentrasse em buscar o contentamento, blindar meu coração contra a murmuração e alcançar a graça para me sustentar em fé. Mas eu praticamente não “batalhava” em oração pela cura. Eu me sentia sem forças para essa guerra, ainda que eu tivesse fé para saber que haveria vitória para nós!

Nesses momentos, eu me sentia espiritualmente amparada por todas as pessoas que estavam orando por nós! Era como se eu ouvisse no meu espírito: “fique tranquila. Você não consegue lutar, mas tem gente lutando por vocês”.

Ser igreja e fazer parte de uma família fez toda a diferença nesse tempo. Como disse depois no grupo de diáconos e pastores da minha igreja: há quem diga que os remédios fizeram efeito, mas sei que não foi isso. Eu sei que a cura veio de Deus através das orações da Sua igreja.

No domingo à noite, porém, essa batalha ainda estava só no começo.



Aquilo que me dá esperança

“Quero trazer à memória o que pode me dar esperança. As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade. A minha porção é o Senhor, diz a minha alma; portanto, esperarei nele. O Senhor é bom para os que esperam nele, para aqueles que o buscam. Bom é aguardar a salvação do Senhor, e isso, em silêncio.”
Lamentações 3:21-26

A maior estratégia para manter a fé em tempos difíceis é, sem dúvida, lembrar quem é Deus e o que Ele é capaz de fazer. Recordar suas promessas, buscar na memória testemunhos do passado e falar sobre os seus feitos gloriosos.

Após o início da pulsoterapia, já começamos a notar as diferenças na Ana, tanto o inchaço físico quanto o desânimo que começou a tomar conta dela. Acredito que os efeitos do remédio se somaram ao tédio de continuar no hospital e ela estava cada vez mais abatida. Eu, por outro lado, inventava mil coisas para alegrá-la e passar o tempo. Enquanto ela estava acordada (porque, na verdade, dormia bastante), a gente brincava, desenhava e pintava.

Eu evitava deixar a TV ligada para que pudéssemos nos conectar, pois sentia que isso também seria parte dessa recuperação da Ana. Deixava as telas para as horas em que ela desanimava, queria deitar, ou mesmo, após o exame de sangue - que era o momento mais difícil do dia.

A gente explicava que ela precisava tirar sangue. Ela entendia que sem o exame não tinha como saber se havia melhorado. Estava tudo acordado, até a hora em que chegavam as moças do laboratório.

Ana Júlia dizia “não quero, não quero”, repetidas vezes e chorando. Eu (ou o pai) precisava deitar sobre ela enquanto uma pessoa segurava o braço e a outra coletava o sangue. Era muito sofrido (para nós todos), mas necessário

Na segunda, não houve coleta. Na terça, o exame de sangue, além de todo o drama do momento, teve um resultado péssimo: as plaquetas caíram para 4.000. Tínhamos aumentado os medicamentos e, em dois dias, as plaquetas caíram? (Depois entendi que esse era apenas um sinal para mostrar que o milagre não veio dos medicamentos e, sim, da mão do Senhor.)

Com esse resultado, portanto, a médica tinha uma notícia ainda pior: se esse resultado não mudasse, teríamos que entrar com a imunoglobulina – um tratamento muito mais agressivo, que atacaria a imunidade da Ana Júlia.

Senti que a médica estava bem propensa a fazer a mudança o quanto antes. Mas eu questionei: não seriam três dias de pulsoterapia para avaliar? E ela concordou que o terceiro dia seria só na quarta-feira à noite (no dia seguinte), mas com a queda das plaquetas em dois dias, a previsão não era boa.

Mas o nosso Deus é bom, o tempo todo. E foi para o meu bom Pai que eu corri!



O seu amor dura pra sempre

“Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na videira; ainda que a colheita da oliveira decepcione, e os campos não produzam mantimento; ainda que as ovelhas desapareçam do aprisco, e nos currais não haja mais gado, mesmo assim eu me alegro no Senhor, e exulto no Deus da minha salvação. O Senhor Deus é a minha fortaleza.”

Habacuque 3:17-19

Ouvi uma pregação da Joyce Meyer, certa vez, em que ela contava um pouco da sua trágica história de vida. Ao término do testemunho, ela lembrava que o “maior soco que podemos dar na cara do diabo é entregar a Deus o nosso caos e nossa tragédia e permitir que Ele transforme em uma mensagem de encorajamento a outros”. Acredito que Satanás fique enfurecido ao ver que todos os planos que ele tentou contra nós se tornaram em objeto de glória a Deus.

E não fazemos isso apenas após a vitória chegar, mas mesmo em meio à guerra. Essa glória e louvor a Deus que damos, independentemente das circunstâncias, é que muda toda a situação. Não digo que isso irá alterar o fim da luta, mas nos fará encontrar a paz que precisamos mesmo em meio às batalhas.

No versículo de Habacuque, no início do capítulo, vemos que o profeta disse que se alegraria mesmo que não passasse fome. É isso que o texto quer dizer: falta de colheita e ausência de animais em um tempo que o sustento vinha da agropecuária. Mesmo essa crise não iria impedir que ele exultasse no Senhor, sua salvação e fortaleza.

Essa atitude aponta para aquilo que já falamos anteriormente: contentamento. Eu vivo contente não por causa das circunstâncias, mas apesar delas. As bênçãos não são a razão da minha alegria e, por isso, quando elas se vão, minha gratidão e felicidade não mudam.

Com a notícia da queda das plaquetas e a possibilidade de mudar o tratamento da Ana para um ainda mais agressivo, meu coração ficou bem abalado e eu precisei de alguns segundos para chorar no banheiro. Eu sei que dói, eu sei que mãe sofre, mas nessa hora as crianças precisam da nossa força.

Eu percebi claramente que a Ana Júlia entendia tudo o que a médica falava sobre os resultados dos exames. Ela sabia o que significava as plaquetas aumentarem ou baixarem. E eu precisava reforçar que, não importando o que acontecia, Deus continuava sendo bom e no controle de tudo.

Por isso fui ao banheiro, chorei por 15 segundos, lavei o rosto e voltei a brincar com a Ana. Naquele dia, ou na véspera, eu já tinha conversado com ela sobre algo que veio ao meu coração: sobre situações emocionais que puderam ter gerado uma desordem física no organismo.

Doenças autoimunes têm, comumente, uma causa psicossomática. A Ana Júlia ficou doente menos de 10 dias depois de eu e meu marido termos voltado de uma viagem em que ficamos mais de 20 dias longe. Quando comecei a fazer a possível relação entre a nossa ausência, algum tipo de medo e insegurança da Ana e essa doença, sentei com ela e perguntei se tinha ficado chateada por termos viajado. Diante da resposta afirmativa dela, pude pedir perdão e ajudá-la a processar os sentimentos que teve.

Nesse dia de notícias ruins, eu fui dormir em casa enquanto meu marido ficou no hospital. E, mais uma vez, Deus usou a Sua igreja para me fortalecer. Uma irmã que mora nos EUA me mandou uma mensagem perguntando sobre a Ana Júlia e contei resumidamente que, se não houvesse uma mudança significativa até o dia seguinte, teríamos que ir para o tratamento que não queríamos.

Então, ela me mandou um vídeo da música “Raise a Hallelujah”, uma canção linda, que fala sobre “levantar um aleluia na presença dos inimigos” e “cantar no meio da tempestade”. No vídeo, o autor conta que compôs a canção quando um amigo estava com o filho no hospital e mandou uma mensagem dizendo que talvez a criança não sobrevivesse até o dia seguinte. No meio de sua oração, a música surgiu. E, sim, a criança foi curada.

Naquela noite, eu cantei essa música com todo meu coração e minha fé! Cantei no meio da tempestade porque nenhuma situação ruim muda o fato de que Ele é digno de louvor e adoração. Eu e a Manuela oramos pela Ana Júlia. Mais uma vez, só podíamos confiar Nele.



O milagre começou

*“Em pouco tempo o céu escureceu, com nuvens e vento, e caiu grande chuva”
1 Reis 18:45*

O Reino de Deus não se move no nosso ritmo. É preciso perseverar em fé até que cheguem as respostas e vejamos os milagres. Nem sempre a intervenção divina traz resultados instantâneos e as respostas podem não ser imediatas.

A Bíblia fala de Daniel que ficou 21 dias orando até receber uma resposta porque houve resistência no mundo espiritual (Dn 10:13). Fala de Zacarias e Isabel que passaram a vida pedindo um filho e só o receberam quando já estavam em idade avançada (Lc 1:13). E também conta sobre Elias que permaneceu orando para que a chuva viesse (1 Rs 18:42-44). Foi preciso apenas uma pequena nuvem para que ele tivesse certeza de que a resposta estava vindo.

Quarta-feira, 6º dia de interação, a nossa chuva começou a descer! O exame de sangue da Ana Júlia mostrou que as plaquetas chegaram a 14.500. Finalmente, um resultado significativo aos olhos da médica.

Que alegria indescritível! A imunoglobulina estava descartada. Manteríamos o tratamento que estava sendo feito e acompanháramos os próximos dias.

Naquela noite, eu fiquei no hospital, e quando a Ana Julia já estava dormindo, peguei o óleo de unção que a minha pastora tinha deixado em sua visita e orei por ela. Enquanto orava, eu cantava “descerá sobre ti o Espírito Santo e o poder do altíssimo te envolverá. Tua alma viverá, teu espírito renovará e no teu corpo tudo novo se fará”.

Era assim que conseguíamos orar mais pela Ana Júlia. Ela não deixava que as visitas orassem e não queria que nós o fizéssemos também. Procurei entender as razões, mas nem ela soube direito me explicar. A gente equilibrava o respeitar à vontade dela com o abençoar e pedir pela intervenção divina.

E o Senhor continuou ouvindo a nossa oração! Na quinta-feira, 7º dia de internação, as plaquetas subiram para 51.000. Para nós, entendemos que a abundante chuva já tinha chegado, ela já estava curada – ainda que não pudesse ter alta.

A hematologista explicou que iria, então, diminuir os corticoides e avaliar como o corpo dela responderia. Também faríamos novos exames, mas só dois dias depois. Teríamos uma folga na sexta para dar tempo de processar efetivamente essa mudança. Ana Júlia aproveitou e fez um lindo desenho de nós duas saindo do hospital e indo para casa. Colamos na parede para não esquecer que esse momento estava chegando em breve.

Na sexta-feira, o dia foi leve. Para deixar tudo mais alegre, o hospital fez uma comemoração antecipada de Dia das Crianças – que seria no dia seguinte – e trouxe balão, uma almofada/boneco de presente e um lanche especial com bolo e brigadeiro para a Ana Júlia.

Vivíamos um misto de alívio pelo resultado que já tínhamos e grande fé de que teríamos alta logo. Nossa oração era para que saíssemos até domingo, conforme a médica tinha dito que poderia ser possível. De tempos em tempos, o medo tentava soprar nos meu ouvido dizendo que eu não tinha como saber se as plaquetas não estavam caindo novamente. Mas eu espantava esse pensamento e declarava que a cura já era nossa!



“Pois estou prestes a realizar algo novo. Vejam, já comeci! Não percebem? Abrirei um caminho no meio do deserto, farei rios na terra seca.”
Isaías 43:19

É, sem dúvida, desafiador louvar ao Senhor e manter firme a fé quando todas as situações parecem contrárias. Porém, é na hora da luta que mostramos quem somos. Gosto muito daquele versículo de Provérbios que diz que, se nos mostramos fracos no dia da angústia, isso significa que a nossa força é pequena (Pv 24:10).

Sei que não é agradável quando percebemos as nossas próprias limitações, mas é só quando as reconhecemos que podemos mudar. Passar pelo deserto – ou pelas tempestades – permite essa autoavaliação: como está a minha fé?

Eu gosto desse versículo acima por duas questões. A primeira é o cenário: o deserto. Por muitas vezes, Deus diz que vai abrir caminho no deserto e fazer brotar fontes de água no meio da terra árida. E isso me leva sempre a pensar: há contextos em que podemos provar de maiores intervenções de Deus do que outros. E essa intervenção não significa, necessariamente, sair daquele lugar, mas simplesmente mudar esse lugar.

Além disso, admiro a mistura de tempos verbais: passado, presente e futuro. Ele já começou a agir, está prestes a realizar algo novo e fará grandes coisas. Nosso Deus está no controle! “Não percebem?” Precisamos estar atentos e permanecer em fé de que, mesmo quando não estamos enxergando, a sua ação já começou.

Talvez essa fosse a minha maior luta: crer na cura mesmo sem fazer exames para saber se as plaquetas estavam subindo ou não. Eu precisava acreditar que Ele já estava fazendo, estava prestes a fazer e ainda faria mais!

Naquela noite, a sétima de internação, a minha querida pastora, que também é uma grande amiga, pediu para dormir com a Ana Júlia no hospital – que ficou animadíssima com a ideia.

Fui dormir em casa, pronta para chegar bem cedo no dia seguinte, pois a Ana teria exame de sangue e isso significava um pouco de estresse. Mas quando cheguei, o laboratório já tinha passado e tudo tinha corrido conforme o esperado. Ou seja, agora esperávamos o bendito resultado.

Na quinta-feira, quando a médica passou, ela comentou que havia uma chance de sairmos até domingo. Então, nesse sábado, estávamos com as expectativas lá em cima sobre como estariam as plaquetas.

Enquanto esperávamos, muitas coisas estavam acontecendo no mundo espiritual nesse dia que nem fazíamos ideia. Muitas - muitas mesmo - pessoas me contaram mais tarde, que no sábado pela manhã oraram pedindo que a Ana Júlia tivesse alta naquele dia especificamente. Como o Senhor é um Deus que move na terra através da oração, o Espírito Santo estava alinhando a intercessão de seus filhos à sua vontade. E assim foi!

A médica chegou ao quarto e deu a notícia: “e não é que esse exame deu ruim? Não deu, não! 117 mil plaquetas por mm^3 ”. Isso significava a alta!

Que alegria imensa. Até a Ana Júlia ficou emocionada quando soube que estava indo para casa.



*“Em todo o sofrimento deles, Ele também sofreu e Ele mesmo os salvou”
Isaías 63:9*

É bastante desafiador para nosso intelecto pensar em um Deus soberano que sofre com a tristeza do Seu povo. Mas, para mim, foi reconfortante quando compreendi que, enquanto eu passo por dores e lutas, Ele não está me olhando indiferente.

Podemos não compreender os seus caminhos ou o porquê de situações. Não entendemos alguns de seus “nãos” nem os “espere”. Porém, saber que o Senhor de todo universo se compadece das minhas dores e sofre comigo é ter a certeza de que há uma razão para estarmos – eu e Ele – passando por essa situação. E, ao mesmo tempo, isso me dá uma liberdade imensa para apresentar as minhas dores mais profundas diante Dele e clamar por sua intervenção.

Ter a Ana Júlia fora do hospital nos alegrou muito. Até a casa bagunçada se tornou motivo de gratidão a Deus. Mas as lutas ainda não tinham terminado.

O primeiro desafio foi a suspeita de que ela tivesse uma doença autoimune, como lúpus. Segundo a médica, um dos exames de sangue tinha dado alteração e era preciso consultar um reumatologista.

Ele pediu diversos novos exames e a coleta foi devastadora. Foram necessárias três picadas até que conseguíssemos sangue suficiente. Foi mais difícil do que todos os outros que a Ana Júlia já tinha feito. Graças a Deus, todos os resultados foram normais e ela foi liberada para um retorno alguns meses depois somente.

Outra luta era o medicamento. Foi preciso continuar fazendo o “desmame” em casa, pois não podia parar o corticoide de qualquer forma, devido às altas doses que estavam sendo ministradas. Isso significava que a Ana, aos cinco anos, precisava engolir comprimidos diariamente. No início, eram cinco comprimidos, três vezes ao dia.

Além disso, os efeitos dos corticoides continuavam. Ela inchou muito; seu rosto estava muito diferente do normal e seu corpinho apertado pelas roupas. O cansaço físico e as dores eram grandes; ela reclamava muito para subir escadas ou para caminhar pequenos trajetos. Na escola, dormia boa parte do tempo e não tinha vontade de brincar.

Alguns dias depois da alta, fomos a um parque indoor, com piscina de bolinha, cama elástica, montanha-russa, roda gigante e muitos outros brinquedos. Ana Júlia quis ficar deitada no meu colo o tempo todo. Aquilo me doeu! Somando os sintomas físicos à mudança emocional – e às queixas de dores –, meu coração estava em frangalhos. Eu me fazia de forte por ela, mas estava clamando profundamente em meus momentos de oração por um milagre.

Eu sabia que a previsão era de que demoraria entre 3 e 6 meses para o remédio sair completamente do organismo. E isso somente após ela terminar de tomar, o que demorou cerca de 15 dias após a alta. Mas eu estava em crise e clamando para que Deus abreviasse esse tempo.

Para piorar a situação, ao voltarmos na nossa primeira consulta pós-alta, ela estava com uma infecção e precisou tomar antibiótico. Com isso, a médica pediu para aumentar o tempo de corticoide, pois ainda que as plaquetas tivessem voltado ao normal (passaram das 500.000/mm³, aleluia), o novo remédio podia prejudicar a recuperação.

Eu sabia que era necessário, mas minha vontade era jogar os medicamentos fora para que ela pudesse voltar logo ao normal. Em uma noite, eu ajoelhei ao lado da cama dela chorando e orando, pedindo a Deus que fizesse um milagre. Eu sabia que só Ele poderia mudar aquela situação e tinha certeza de que nenhum remédio e era mais forte que o Seu poder!

Depois de mais ou menos uma hora, veio ao meu coração aquela palavra de Deus ao rei Ezequias: “Ouvi sua oração e vi suas lágrimas. Vou curá-lo e, daqui a três dias, você irá ao templo do Senhor” (II Rs 20:5). Tomei esse texto como uma promessa para mim e disse: Deus, eu creio!

Três dias depois, estávamos na igreja e, ainda que a aparência física da Ana Júlia não estivesse diferente, ela corria e brincava com alegria, como há muito tempo não fazia. Foi o início da recuperação plena. Menos de dois meses após o fim dos corticoides, ela já estava em seu normal, tanto física quanto emocionalmente.

Em relação à PTI, fizemos um acompanhamento periódico com os hematologistas. No início foram três consultas mensais e, depois, duas em um período de seis meses. Repetimos a contagem de plaquetas a cada uma dessas consultas e, graças a Deus, estava sempre normal.

Duas situações curiosas aconteceram nos primeiros retornos após a alta. A primeira foi a altíssima contagem de plaquetas dez dias após sairmos do hospital. Passou, e muito, do parâmetro normal – eu até fiquei preocupada.

Porém, eu entendi exatamente o porquê. Como ela teve uma infecção de garganta e os antibióticos poderiam baixar novamente a quantidade de plaquetas, o número bem alto nos deixou bastante tranquilos. Era uma margem de segurança providenciada pelo Deus que conhece o futuro!

O outro momento especial foi na nossa segunda consulta após alta, pouco mais de um mês depois. Essa era bastante crucial, pois iríamos medir a quantidade de plaquetas após um longo período sem qualquer medicação. Era a prova real de que estava tudo bem!

Fomos cedo ao laboratório do hospital retirar sangue e, a Ana Júlia quis pegar um papelzinho da caixa de promessas que estava na sala de espera, aquela caixinha com vários versículos bíblicos aleatórios. Ali, com esse improvável instrumento, senti que o Senhor estava nos garantindo a cura. No papel que ela pegou, estava escrito: “Minha filha, sua fé curou você. Vá em paz”.

E que paz nos inundou!



Conte comigo, Senhor!

*“Deus me fez crescer na terra da minha aflição.”
Gênesis 41:52*

A história de José me encoraja toda vez que leio. Saber que Deus não perde o controle e, mais, usa o caos para crescimento dos seus filhos é o que sustenta a nossa fé e nossa confiança em meio às tempestades.

O que mais me impressiona é ver que, ao final de tudo o que ele passou – odiado pelos irmãos, vendido como escravo, preso injustamente –, José enxergava que todo o mal que sofreu serviu para que Deus pudesse abençoar outras pessoas:

*“Agora, não fiquem aflitos ou furiosos uns com os outros por terem me vendido para cá. Foi Deus quem me enviou adiante de vocês para lhes preservar a vida.”
(Gênesis 45:5)*

“Vocês pretendiam me fazer o mal, mas Deus planejou tudo para o bem. Colocou-me neste cargo para que eu pudesse salvar a vida de muitos.” (Gênesis 50:20)

José entendeu o que Deus espera de Seus filhos: um coração disposto a sofrer o mal para que o propósito Dele se cumpra. Já fazia algum tempo antes de tudo isso acontecer que eu orava dizendo: “Senhor, mesmo que as coisas não aconteçam do meu jeito e eu tenha que perder, eu quero que a sua vontade se cumpra. Se eu preciso sofrer, para que você possa fazer algo: conte comigo”.

E foi exatamente assim que me senti após esse tempo no hospital. Que o nosso sofrimento pôde ser usado por Deus para abençoar pessoas. Ele não nos desamparou, Ele continuou cuidando de nós, mas dentro de sua soberania usou o mal a que estamos todos sujeitos nesse mundo caído para realizar o bem de outros.

Eu perdi as contas de quantas mensagens eu recebi de pessoas conhecidas e desconhecidas que estavam orando por nós. Muitas disseram que tiveram sua fé renovada, que voltaram a se relacionar

com Deus, que foram confortadas e incentivadas nos momentos difíceis que elas próprias estavam passando.

Essa é uma das certezas que tenho em minha vida: não foi a última vez que passamos por dificuldades. Sei que vivemos em um mundo corrompido que jaz no maligno e que teremos aflições por aqui, porém sei que tudo o que acontecer na minha vida está nas mãos de Deus para que Ele possa usar como uma peça no grande quebra-cabeça do seu propósito. Eu posso ver só um pedaço, uma parte sem sentido, mas é essencial para a paisagem final.

Com certeza, Deus me fez crescer na terra da minha aflição e usou todo o mal para o bem de muitas e muitas pessoas. É isso que sustentou e sempre sustentará a minha fé em meio a qualquer tempestade.



Quem eu sou

Espero que esse livro tenha abençoado a sua vida!



Eu sou Melina Pockrandt Robaina, esposa, mãe de três, jornalista, moro na Pensilvânia (EUA), sou autora do livro *Ensinando no Caminho* e *Força & Fé - 52 devocionais para mães* (ambos pela editora Pão Diário) e criadora de projetos digitais.

Você me encontra na internet:

www.instagram.com/melrobaina
www.instagram.com/maternidadessimples
www.instagram.com/nocaminho.umacomunidade
www.maternidadessimples.com.br
www.youtube.com/@melrobaina